

## UNIVERSIDADE DA MATURIDADE/UFT: PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO VOLTADO PARA A EDUCAÇÃO DE VELHOS

### UNIVERSIDADE DA MATURIDADE/UFT: POLITICAL-PEDAGOGICAL PROJECT FOR THE EDUCATION OF THE ELDERLY

Lígia Felix Parrião Matos<sup>1</sup>  
Marileide Carvalho de Souza<sup>2</sup>  
George da Cunha Furtado<sup>3</sup>  
Anice de Souza Moura<sup>4</sup>  
Fabriny Pereira Machado<sup>5</sup>  
Nacismara Pereira Guilherme<sup>6</sup>  
Glauce Gonçalves da Silva Gomes<sup>7</sup>  
Givanildo Ferreira Bento<sup>8</sup>

**RESUMO:** Este artigo descreve a biografia da criação da Universidade da Maturidade (UMA) e detalha seu Projeto Político-Pedagógico, que é voltado para a educação de idosos. O foco principal é a promoção da inclusão social e educacional para essa faixa etária, buscando fornecer uma formação contínua e de qualidade. Além disso, o texto aborda os principais fundadores da UMA, suas ideias e contribuições para o fortalecimento dessa proposta educacional, que visa melhorar a qualidade de vida e o desenvolvimento pessoal dos idosos através da educação.

2000

**Palavras-chave:** Universidade da Maturidade. Projeto Político-Pedagógico. Educação de idosos.

**ABSTRACT:** This article describes the biography of the creation of the Universidade da Maturidade (UMA) and details its Political-Pedagogical Project, which is focused on the education of the elderly. The main focus is the promotion of social and educational inclusion for this age group, seeking to provide continuous and high-quality education. Additionally, the text discusses the key founders of UMA, their ideas, and contributions to strengthening this educational initiative, which aims to improve the quality of life and personal development of the elderly through education.

**Keywords:** Universidade da Maturidade. Political-Pedagogical Project. Education of the Elderly.

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0008-0490-5911>.

<sup>2</sup>Universidade Federal do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0007-3291-1094>.

<sup>3</sup>Universidade Federal do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0009-2101-5416>.

<sup>4</sup>Secretaria de Educação do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0009-1985-0121>.

<sup>5</sup>Universidade Estadual do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0006-7000-5546>.

<sup>6</sup>Universidade Federal do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0003-1810-1424>.

<sup>7</sup>Universidade Federal do Tocantins. <https://orcid.org/0000-0002-5492-7253>.

<sup>8</sup>Secretaria de Educação do Tocantins. <https://orcid.org/0009-0007-5781-9809>.

## Fato histórico social da Universidade da Maturidade/UFT polo Palmas – Tocantins

Uma realidade sonhada e concretizada chama-se hoje de Universidade da Maturidade do estado do Tocantins (UMA), referência em pesquisas e estudos sobre os idosos para todo o Brasil e exterior. E com o lema da música “É preciso saber viver” do grupo Titãs, a qual é usada nas aulas e apresentações culturais, que se inicia o sentido da história dessa instituição de extensão da Universidade Federal do Tocantins.

A UMA foi fundada em fevereiro de 2006, idealizada pela Professora Doutora Neila Barbosa Osório, que desde então atua como Coordenadora Nacional da UMA, cujo Projeto está vinculado aos Cursos de Pedagogia e Medicina de Palmas, onde se localiza a sede, Palmas, Tocantins.

A UMA/UFT está presente nos municípios de: Araguaína, Arraias, Brejinho de Nazaré, Gurupi, Palmas, Porto Nacional, Tocantínia, Miracema, Tocantinópolis. Vários benefícios estão sendo evidenciada, em especial a capacitação regular, com um sistema curricular específico para dar voz e vez aos que envelhecem no Tocantins e no Brasil.

As aulas são voltadas para a desmistificação da velhice como sinônimo de decadência física, mental e social. É mister que esse projeto é um “sucesso”, pois busca sempre o engajamento da ciência gerontológica dos profissionais com a experiência daqueles que já viveram há mais tempo.

Ao estudar o envelhecimento humano no mestrado e doutorado, Osório (2002) foi uma grande precursora desse projeto junto com Silva Neto (2015), que antes tido no desejo e apenas no papel de ser realizada, hoje, uma bela realidade concreta com paredes, nome e reconhecimento, pois a UMA se faz presente em vários lugares do Brasil, e com propostas de se findar em outras partes do país que ainda não possuem esse ensino de extensão. E além do mais, os fundadores dão palestras em todo o país, e até para o exterior, relatando o sucesso da implantação desse ensino às pessoas idosas.

No Brasil, estima-se que nos próximos 20 anos a população de idosos poderá alcançar e até mesmo ultrapassar a cifra dos 30 milhões de pessoas, o que representará aproximadamente 13% da população. Em 2000, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de pessoas com 60 anos ou mais era de 14.536.029, contra 10.722.705 em 1991. O Estado do Tocantins possui o maior índice de idosos da região Norte do país com 10,2% de sua população acima de 60 anos. (DATASUS, 2017.)

Foi com essa perspectiva relatada no parágrafo anterior, Datasus (2017), que se observou

que a tendência em alguns anos, não será o jovem como referência, mas as pessoas idosas, os aposentados, aqueles que veem anos a mais na sua caminhada e que necessitam de uma orientação para se viver e aprender mais. Pois a aprendizagem é contínua e não temporária. E muitos da sociedade, neste contexto, ainda não estão cientes da importância de criar-se mecanismos para um olhar sobre o envelhecimento humano.

Informados dessa grande população de idosos residentes no Tocantins, que na região norte se concentra mais, surgiu uma Universidade para os velhos, a trazer uma relevância de uma aprendizagem direcionada de como se lidar com esse contingente.

Dessa forma, garantidos na lei 10.741, de 2003 que dispõe o Estatuto do Idoso, artigo 3º VI- habilitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia, como também, na prestação de serviços aos idosos; VII- afirmação de estrutura que beneficiem a publicação de elementos de modo educacional sobre os aspectos biopsicossociais de envelhecimento, as Universidades assumem um papel fundamental nos compromissos científico, educacional e extensionista de responsabilidade social.

No intuito de desenvolver o social permanente para os velhos de Palmas, inicialmente, a UMA estabeleceu o objetivo de criar essa universidade, sendo um Projeto de extensão do curso de Pedagogia da UFT, em prol de uma qualidade de vida a ser ensinada e vivenciada. Assim, dando autonomia para esse velho, na mesma proporção, visão mais ampliada da existência desses senhores e senhoras de cabelos brancos ou quase brancos na sociedade palmense, para depois expandir para o Brasil e mundo sua filosofia.

2002

**Imagem 1:** sala de aula da Universidade da Maturidade em Palmas - Tocantins



**Fonte:** Foto do Google.

Segundo Osório (2013), a Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins, hoje, é uma inovada atitude de “ser velho”. Ela evidencia um diferente estilo de vida para as pessoas com idade a partir dos 45 anos. Apresenta uma variação nas formas de envelhecer ativamente e com cidadania no século XXI, destacando este momento histórico, onde a ousadia da tecnologia patrocina a longevidade humana.

## UMA: Prática e teoria na forma do ensino de extensão

Programas de extensão elevaram dando ênfase a educação popular, pois abriram portas de muitas instituições de ensino superior que abraçaram a causa de receber e ensinar o povo, até então, oprimido pela massa capitalista.

Foi na década de 1960, já quase no final dele, os programas de extensão passaram a ser elaborados na busca da articulação entre Universidade e Sociedade através de ações destinadas à população carente, tendo como metodologia de trabalho principal o desenvolvimento da comunidade.

Desta maneira, Gurgel (1986, p. 15), destaca:

Tais propostas enfatizam que as atividades extensionistas viabilizam formas de participação da Universidade em seu meio, e de modo recíproco, propiciam a presença do povo na instituição de ensino superior. Dá-se a extensão a função de ponte para realimentação da estrutura acadêmica, funcionando como elemento provocador de mudanças a nível interno da Universidade e da sociedade de um modo geral. Falava-se dela como sendo uma forma de ensino aplicado, utilizando-se o laboratório vivo da comunidade. Assinalava-se, sempre, ser o homem o sujeito da ação transformadora (GURGEL, 1986, p. 15).

Essa extensão na universidade veio quebrar essa forma opressora de aceitação nesse campo de estudo, fazendo com que todos pudessem de alguma maneira estar no mesmo local, independente de escolaridade ou recurso, pessoas de todo tipo social.

Segundo Gurgel (1986), as Universidades Populares surgiram na Europa (Inglaterra, Alemanha, França, Bélgica e Itália) no séc. XIX, com objetivo de levar o conhecimento técnico ao povo. Já nos Estados Unidos, as experiências de extensão se iniciaram por volta de 1860, com a ideia de “prestação de serviços”. No Brasil já existiam experiências de extensão, mas a primeira experiência concreta surgiu em 1912, na Universidade Livre de São Paulo. Em 1937, foram criados o Primeiro Conselho Nacional dos Estudantes e a UNE (União Nacional dos Estudantes). Os estudantes brasileiros, seguindo o documento de Córdoba (manifesto surgido na Argentina em 1918), iniciaram a luta na busca de ampliação dos serviços produzidos pela Universidade ao povo. Nesta época, decorria o Estado Novo, um dos períodos mais autoritário na história do país.

Em 1938, a UNE (União Nacional dos Estudantes) lança o Plano de Sugestões para uma Reforma Educacional Brasileira, documento que, de acordo com Gurgel, era “[...] uma proposta reformista de tons contraditórios, passando de promoção de interesse do povo ao assistencialismo em termos de solução do problema econômico dos estudantes” (GURGEL, 1986, p. 40). Os estudantes lutavam por uma educação para todos, mas o todo nessa época era

considerado uma pequena minoria que podia cursar uma Universidade, sendo que a educação superior se destinava apenas para uma pequena classe privilegiada da sociedade.

Mas houve uma grande preocupação de uns dos maiores precursores de trazer se a comunidade para dentro da universidade. Ela partiu do educador Paulo Freire quando nas suas obras relata o poder do opressor sobre o oprimido a alertar que a relação que deve existir entre comunidade popular e faculdades ou universidades necessitam ser um elo de comunicação entre esses dois públicos, pois é a partir das necessidades e anseios do povo que há um significado da comunidade estar presente dentro dessas instituições.

Em 1975, pela Lei nº 5.540, o *Plano de Trabalho da Extensão Universitária* abrange a extensão na forma de: [...] cursos, serviços, difusão de resultados de pesquisa, projetos de ação comunitária, de difusão cultural e outras formas de atuação exigidas pela realidade da área onde a instituição se encontra inserida, ou exigências de ordem estratégica (GURGEL, 1986, p. 139).

Então essa prática e teoria da extensão nas universidades se tornam reais a partir do discurso dialético entre comunidade e universidade. Uma forma de se concretizar uma passagem, não apenas de entrada e saída, mas um ambiente em que vise necessidades do povo de forma a se concretizar o que a educação popular almeja:

a voz do povo a ser ouvida e a sua história de vida a ser considerada de um modo fundamental para um sentido real do social em fazer-se presente nas universidades, e não uma forma de assistencialismo.

2004

### **Universidade da Maturidade: educação de ensino popular aos velhos como forma dialética**

A partir do momento em que nossa discussão passa a ser nosso contexto histórico na criação da aprendizagem, o educando torna-se protagonista desse ensino, pois o sentido começa pela sua fala, e nela, seus anseios e conquistas. As verdades absolutas, postas por uma educação pré-formada, já não se torna tão verdadeira e significativa, pois nesse discurso, o que interessa para um plano de curso real, será a vida desse estudante.

Como se está a falar sobre a libertação dos oprimidos, na educação libertadora, a avaliação deixa de ser um processo de cobrança para se transformar em mais um momento de aprendizagem, tanto para o aluno quanto para o professor – sobretudo para este, se estiver atento aos processos e mecanismos de conhecimento ativados pelo aluno, mesmo no caso de “erros”, no sentido de rever e refazer seus procedimentos de educador (ROMÃO, 1998).

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem depósitos, guardá-los e arquivá-los. (...) [Os alunos têm de se dotar de] uma

consciência continente a receber permanentemente os depósitos que o mundo lhes faz, e que se vão transformando em seus conteúdos. (FREIRE, 1981, p. 66, 71).

O que ao contrário da educação ‘bancária’, aquela em que é depositado e cobrado de forma impiedosa, onde o resultado precisa ser relevante ao que foi colocado na conta. Essa não seria de uma educação popular, onde a cobrança não existe para que se torne concreta a educação libertadora, sem opressão, e assim, a aprendizagem possa fluir.

Assim como Paulo Freire (1981) caracteriza essa educação popular como dialética a superar a realidade, também condena a avaliação com intuito de promoção e competitividade (passar e ser aprovado), a mostrar que ela se torna uma grande barreira no processo do saber.

Nesse processo dialético, o homem se torna forma viva desse modo de ensino popular, quando ele reconhece quem ele é e como a sociedade o trata e tenta impor seus paradigmas pré-formulados e capitalistas, fazendo com que ele pense que a sua história e fala não tem valor. Oposto a isso, a fala é que dá todo o processo de quem eu sou e porque sentido preciso aprender nessa sociedade do bem material.

E na UMA, o velho tem voz e vez, pois, por muito tempo, essas pessoas não podiam opinar e nem escolher o que gostariam de fazer por causa da falta de autonomia que a própria sociedade lhes atribuía em consequência da própria idade. Porém, se lhe eram impostas atividades já preestabelecidas, e duas delas eram: ficar em casa olhando os netos ou tricotando, fazeres domésticos cabíveis a eles.

Enfim, a fazer diversificados ‘afazeres’ de avós, no qual, o tempo fluía e preenchia o período ‘ocioso’ deles. Contudo, a Universidade da Maturidade trouxe aos seus alunos um novo sentido, um novo olhar no que está ao seu redor, conduzindo-os a entender quais são os direitos e deveres do idoso, transformando um participante do meio onde vive, e não mais uma peça descartada da sociedade por causa da sua idade, cabelos brancos ou suas rugas.

### **Educação na velhice: Universidade da Maturidade / polo Palmas**

Segundo Sinésio e Osório (2017), relatam o processo de ensino na velhice através dos 11 anos da Universidade da Maturidade no Tocantins. E, nesta publicação, eles iniciam com uma pergunta: Educação na Velhice? Com essa interrogação, a mesma que grande parte da população se faz, Sinésio e Osório (2017) respondem

‘sim’, articulam que esse questionamento permeia a proposta do projeto Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT) desde sua idealização.

Na análise do texto da Revista Desafios da UFT, percebe-se ainda que a literatura, na

temática velhice, é pautada na pobreza, violência ou saúde. Porém, ressalta que as repercussões do processo de envelhecimento populacional devem ser avaliadas de forma mais ampla e integrada. E, educação na maturidade encontra-se em plano secundário nas agendas públicas e científicas. Nesse sentido, a Universidade da Maturidade (UMA/UFT) contemporiza o debate a propósito dessa temática para os maduros.

Segundo Sinésio e Osório (2017), a UMA propôs três questões adjuvantes: princípios metodológicos ou a “gerontologia”, corpo docente qualificado e ambiente educacional. A gerontologia enquanto ciência pretende esclarecer e dar suporte às necessidades, potencialidades e ações que derivam da longevidade com possíveis implicações educacionais envolvidas (BOTH 2001). Essa proposta específica para os maduros é reforçada por Escarbajal (2009) que ressalta ser um lamentável erro considerar a educação de velhos nas mesmas perspectivas utilizadas em outras etapas da vida. Por isso, a gerontologia tem como finalidade promover uma educação capaz de abranger aspectos afetivos, cognitivos e ao bem-estar social dos velhos, amplia de tal modo o significado do envelhecimento e a identidade humana. A UMA/UFT possui um currículo desenvolvido que estimula a reflexão do sujeito sobre a expectativa do seu envelhecimento e dessa maneira determina a sua motivação para as ações educacionais. Isso explica a vontade dos velhos em não perder o vínculo com o projeto, frases como “Eu não saio mais daqui até o fim dos meus dias” são comuns nas falas dos acadêmicos. E um ponto culminante na UMA é: como está sendo formado esse professor para trabalhar com os velhos? Está se tendo uma capacitação própria a esse público? E se está sendo oferecido, como suporte metodológico, usa-se para tal finalidade?

2006

## CONCLUSÃO

A trajetória da UMA reflete a relevância da educação popular e da extensão universitária na democratização do conhecimento e no fortalecimento dos direitos dos idosos. Fundamentada no Estatuto do Idoso e nas diretrizes da extensão universitária, a instituição se consolida como um modelo inspirador para outras regiões do país. O compromisso com a formação contínua e o bem-estar dessa parcela crescente da população evidencia a importância de iniciativas que garantam a inclusão social e educacional. Assim, a UMA reafirma sua missão de oferecer uma educação significativa, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sensível às necessidades do envelhecimento humano.

Portanto, a UMA não é apenas uma universidade de extensão que recebe qualquer

profissional para atuar em sala de aula. Ela está preocupada com a bagagem de informações que esse educador carrega para ministrar suas aulas de forma que atenda todas as necessidades específicas voltadas ao alunado. Além disso, notadamente que o debate sobre o tema é de grande extensão. Ao mesmo tempo em que ser velho é novo na educação, o envelhecimento populacional e as mudanças rápidas do mundo contemporâneo tornam o avanço deste campo de estudo cada vez mais necessário. Nossas experiências no trabalho educativo com os velhos há 11 anos na UMA/UFT, atestam a eficiência de como a educação pode produzir novas imagens e novos saberes em relação aos velhos. Educação na Velhice? Sim. O futuro dos velhos é hoje. Eles não podem mais esperar.

## REFERÊNCIAS

BOTH, Agostinho. Educação Gerontológica: posições e proposições. Erechim: São Cristovão, 2001.

ESCARBAJAL, Andrés de H. Personas Mayores, Educación y Emancipación. In: LÓPEZ, Martínez de Miguel; ESCARBAJAL, Andrés de Haro. Alternativas Socioeducativas para las Personas Mayores. Madrid: Dykinson, 2009.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GURGEL, Roberto M. Extensão Universitária: Comunicação ou Domesticação. São Paulo: Ed. Cortez, Autores Associados, Universidade Federal do Ceará, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Sinopse do Censo Demográfico. Rio de Janeiro.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. DATASUS. Disponível em: <http://w3.datasus.gov.br/datasus/datasus.php?area=359A1B375C2DoEoF359G19HIJd2L2412MoN&VInclude=../site/infsaude.php>. Acesso em: 31 dez. 2017.

OSÓRIO, Neila Barbosa. Uma proposta de instrumentalização para jovens universitários atuarem junto a idosos institucionalizados, inspirada na Pedagogia Salesiana. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2002.

ROMÃO, José Eustáquio. Avaliação dialógica: desafios e perspectivas. 1ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

SILVA NETO, Luiz Sinesio. Associação entre sarcopenia e variáveis de qualidade de vida em idosos quilombolas. Tese de doutorado. Brasília, DF, 2015.

SILVA NETO, Luiz Sinesio; OSÓRIO, Neila Barbosa. Educação na velhice? Uma história de 11 anos na Universidade Federal do Tocantins. Desafios - Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 01-02, 2017.